

FERNANDO LANHAS

PORTO Galerias Quadrado Azul, R. Castro Cabral, 777 — Lago 8, De 2ª o 6ª, das 10h às 12h30 e das 15h às 20h. Até 10 de Dezembro.

"O ARTISTA ESTÁ EXACTO COMO O TEMPO"

ÓSCAR FARIA (texto)
PAULO PIMENTA (foto)

Antes do almoço previamente combinado, ainda na Galeria Quadrado Azul, enquanto posava para as fotografias junto da sua última serigrafia (S8-94), Fernando Lanhas foi confrontado com a hipótese de aquela obra conter, em si, uma dimensão religiosa. "Prefiro mística, como a há em todos os trabalhos", disse o artista, como resposta à especulação levantada. Já no restaurante completou o seu raciocínio: "Disse mística, porque desconfio muito da natureza. Ela é de tal modo desconcertante que nos leva a uma perplexidade." E acrescentou: "Sabemos que existe o tempo numa medida que já não entendemos, sabemos que acontece tudo o que é possível acontecer por mais insistido que seja, num mundo danado de existir, como em todos os mundos deste céu."

A conversa, longa, surgiu a propósito da exposição que Lanhas está a apresentar, até ao próximo dia 10 de Dezembro, no Quadrado Azul. O pintor começou por recordar Júlio Pomar, o companheiro com quem, nos primeiros tempos do seu percurso, costumava trocar impressões: "Gostava das palavras dele, não fazia nada que não lhe mostrasse, e vice-versa." Era o tempo dos Independentes, grupo que reunia, entre outros, Júlio Resende e Nadr Afonso, cujas actividades decorreram de 1944 a 1950.

A mostra actual inicia-se com uma fotografia de grande formato, a preto e branco, de uma "experiência de pintura sobre rochedos na serra de Valongo" realizada em 1932. Ali, Lanhas, ao lado de sua mulher, aplica a tinta directamente na pedra com a mão. A natureza, sempre. "A arte foi um aproveitamento tardio dos homens; ela continuará, não sabemos até quando, num reforço da sua existência à parte entre os seres vivos", afirma o pintor-arquiteto.

De repente, no decurso do repasto, do interior de uma pasta, Lanhas retira uma série de documentos. "Vou-te pôr na" assinala, geralmente assim a necessária expectativa para aquilo que iria passar-se a seguir. Apresenta, então, um "dossier" que, na capa, após ter sido riscado o nome subjectivo, ostenta o título "Desenhos subconscientes", uma recolha de criações feitas por outros que não o artista. A selecção do pintor inclui inúmeras "obras" feitas distraidamente, "ao telefone", por anónimos ou pessoas que com ele convivem, como são os casos de João Pinharanda e Diogo Alpendurada. Uma obra de 1856 dá o tom a uma escolha que mais se diria feita por um surrealista. São desenhos mirabolantes, "viçados" — feitos por crianças que copiam os estereótipos televisivos — ou "intimos". Em todos é possível encontrar o mesmo sistema de representação: tetraedros, bolas, cubos, rolos e corvas.

A propósito destes papéis, Lanhas escreve, numa folha perfurada entre eles, que "muitas pessoas, a maior parte mas não todas, costumam fazer, em certas situações, uns desenhos conhecidos por subconscientes. São desenhos por vezes

com interesse, muitas vezes complicados e extensos. Correntemente de grafia simples, parecem estar de acordo com os próprios autores e dizem da sua personalidade com origem num mecanismo subconsciente e que muitos querem realizar quase sofregamente".

Seguiram-se palavras sobre outro motivo de interesse do artista: as suas pinturas sobre seixos rolados. Um momento no qual, depois de confessar já ter "deitado algumas pedras no mar por não querer que elas existissem" (caso da P4-51), Lanhas resolveu revelar as que considera estarem "boas" (em primeiro surge o número de ordem da pedra, segue-se o ano da sua realização: "P2-49", "P3-49", "P11-49", "P27-72", "P34-74", "P41-72", "P42-74", "P54-74", "P68-84", "P83-85" e "P91-86").

Para se ter uma ideia da obra total de Lanhas, refira-se, em jeito de estatística, que ela é composta por 27 desenhos, oito serigrafias, 20 colagens, 91 pedras e 67 óleos. Uma produção escassa, a que se pode juntar a curiosidade de nos anos de 1945, 1946, 1956, 1962 a 1965, 1967, 1971, 1973, 1974, 1976 a 1987, 1989, 1990 e 1991 não ter sido executado qualquer óleo. Vinde e seis anos sem trabalhar sobre tela, num percurso de 60 anos (o primeiro óleo abstracto data de 1943-44). "Não sou um pintor, sou outra coisa qualquer", sublinha. "Nunca dei pelo tempo que passa, nunca estive inactivo; pintei, olhei as coisas como existem e procurei compreender, estudando, fazendo mapas, especulando hipóteses", conclui.

Na Quadrado Azul é possível ver o óleo figurativo, de 1943, "Meninas e Barco" — o fundo sobre o qual se recontam as figuras sugeridas pelo título da peça é aparentemente monocromático, mas se a ausência da paisagem, facto que sugere um sonho ou, antes, a necessidade de Lanhas, já aqui, depurar as imagens que cria — e também os quadros abstractos "052-92", "056-57-93" e "057-94", o último por si elaborado. Tons neutros, sóbrios, linhas precisas que ecoam as dos fósseis que habitualmente recolhe nas suas desambulações pela montanha.

Numa vitrina colocou um "homocéptico" construído em 1974, os seus pequenos ópticos "A visão da via láctea" e "O mundo da geologia" e três folhas de hera (*Hedera Canariensis*) com aquilo que o pintor aponta como sendo "prováveis mutações genéticas". Numa outra zona expõem-se desenhos: "D6-47 (Anjo)", "D16-65-68 (Rapaz com Mundo)" e "D23-88-92 (Cristo)". Uma série de obras que evoca os mistérios da criação. Finalmente, dois trabalhos sobre o Porto, a cidade que o viu nascer em 1923: "D24-83 (Ponte D. Luís)" e "D26-93 (R. Mouzinho da Silveira)". A montagem, que inaugura as instalações da galeria após as obras a que esta foi sujeita, é excelente.

No ano em que se comemoram os 60 anos da introdução do abstraccionismo geométrico em Portugal, facto a que Lanhas está intimamente associado, a mostra da Quadrado Azul e o livro agora editado testemunham, confirmam, a importância do percurso de um dos nomes essenciais da arte portuguesa do século XX. "O artista está exacto como o tempo." ■

NO ANO EM QUE SE COMEMORAM OS 60 ANOS DA INTRODUÇÃO DO ABSTRACIONISMO GEOMÉTRICO EM PORTUGAL, FACTO A QUE LANHAS ESTÁ INTIMAMENTE ASSOCIADO, A MOSTRA DA QUADRADO AZUL E O LIVRO AGORA EDITADO TESTEMUNHAM, CONFIRMAM, A IMPORTÂNCIA DO PERCURSO DE UM DOS NOMES ESSENCIAIS DA ARTE PORTUGUESA DO SÉCULO XX.

